

O Estado de S. Paulo

2/6/1985

Bóias-frias não tiveram êxito

CARLOS ALBERTO NONINO

Quem perdeu com a greve dos bóias-frias cortadores de cana, na região de Ribeirão Preto? A agroindústria canavieira deixou de produzir 27 milhões de litros de álcool, mas prevê que isso será recuperado; o comércio de cidades pequenas registrou alguns dias de queda no movimento, mas nada de expressivo; e os cortadores de cana foram os mais prejudicados, porque, não obtendo conquistas além das que já haviam sido concedidas pelos patrões, não vão receber pelos dias parados.

A greve iniciou-se terça-feira, dia 21, e os cortadores de cana, voltaram ao serviço na segunda-feira, dia 27, depois de os líderes do movimento, principalmente diretores e advogados da Fetaesp, terem denunciado "a violenta ação policial que inviabilizou a continuidade do movimento". Na sexta-feira, constatando uma situação insustentável, as lideranças dos bóias-frias apressaram a concretização do acordo, acertado sábado noite, em São Paulo, com a mediação do ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto.

Formalizado, o acordo estabeleceu o pagamento de Cr\$ 5.200 por tonelada cortada de cana de 18 meses e Cr\$ 4.960 para a cana de outros cortes; diária de Cr\$ 18 mil (nas usinas) e de Cr\$ 16.825 (entre os fornecedores); reajuste de 50% do INPC dia 10 de agosto; e critério de remuneração com base na tonelada convertida em metro, ou seja, tudo aquilo que a Faesp havia proposto, antes do início da greve.

O acordo está longe de atender as aspirações dos bóias-frias, admitiu Hélio Neves, diretor da Fetaesp, que coordenou as negociações e a greve. Acha, no entanto, que o trabalhador ganhou em sentido de organização. A greve não poderia continuar, segundo ele, porque "não nos preparamos para enfrentar uma guerra com a polícia". Foram feitas quase cem detenções e mais de 30 pessoas ficaram feridas, segundo a federação dos trabalhadores.

A Fetaesp contabilizou 80 mil cortadores de cana parados em 22 cidades, estatística que a assessoria das usinas considerou exagerada, observando que nem existe esse número na área atingida pela greve. Segundo os usineiros, o número de bóias-frias parados no setor canavieiro, "no auge do movimento, pouco passou de dez mil entre os contratados diretamente pelas usinas, e abrangeu no máximo mil, entre os que trabalham para fornecedores".

Em início de safra, o corte de cana é efetuado mais com a matéria-prima própria das usinas. De 12 usinas existentes na área da greve, segundo sua assessoria, quatro tiveram de parar, a partir de quarta-feira, e oito funcionaram apenas parcialmente, registrando prejuízo de mais de Cr\$ 20 bilhões. Mas, segundo fontes das usinas, as perdas são passíveis de recuperação, podendo ser o período de greve comparado as eventuais perturbações climáticas que ocorrem na região, quando as fortes chuvas impedem o processamento da cana.

Com base nos números divulgados pelas usinas, chega-se à conclusão de que oito mil trabalhadores, número médio do período, parados durante cinco dias, com a produção média diária de seis toneladas, deixaram de receber cerca de Cr\$ 250 milhões. Isso naturalmente determina a queda no movimento do comércio. Algumas cidades, e alguns setores, sofreram mais, como foi o caso de dois supermercados de Serrana que, temendo saques, evitaram abrir as portas durante dois dias.

CAFÉ E LARANJA

Um dia antes do início da greve dos cortadores de cana, 3.500 apanhadores de café em Batatais pararam, com piquetes organizados por membros da CUT, o que revoltou dirigentes da Fetaesp, que reagiram contra "o único propósito de sair na frente". Também na segunda-feira, houve a paralisação de apanhadores de laranja em Bebedouro, movimento que depois se espalhou para outras cidades e, ainda hoje, mantém 12 mil bóias-frias (o número chegou a 20 mil) parados em quatro cidades.

Os apanhadores de café voltaram ao serviço com a eliminação do "gato", acertando o trabalho diretamente com os fazendeiros. Os da laranja continuam, aguardando o despacho de negociações entre a Faesp e a Fetaesp, mas a paralisação não preocupa a indústrias de suco, porque, concluída a colheita da tangerina, a da laranja só entra em ritmo normal em junho. Já no meio da semana, a ação policial foi quase desmobilizada em Bebedouro. No auge da greve da cana e da laranja, a polícia chegou a empregar quase três mil homens na região, com pelotões de choque e canil. (Ribeirão Preto/Ag. Estado)